

O primeiro economista a gente nunca esquece

Profissão chega ao topo do poder no momento em que os cursos abandonam tradição, na tentativa de enfrentar a crise e a fuga de alunos para outras áreas

Chico Otavio

• Karl Marx virou estampa em raras camisetas e o capital, variável da matemática financeira, como a taxa de juros. Dos tempos em que as aulas pareciam assembleias e as disciplinas, um projeto de nação, pouco restou. No ano em que o Brasil elegerá pela primeira vez um economista para presidente, Dilma Rousseff e José Serra dificilmente se reconheceriam nos alunos dos cursos de economia. Enquanto ambos optaram pela carreira atrás de um caminho para transformar o país, os estudantes de hoje têm outras ambições. Uma delas, chegar a economista-chefe de uma instituição financeira.

O Brasil já teve 21 advogados, dez militares, um médico, um empresário, um engenheiro, um sociólogo e um metalúrgico na Presidência. Em grande parte de nossa história republicana, a profissão do mandatário expressou um fenômeno político. A eleição de hoje manterá a tradição. Serra e Dilma, ambos calouros da economia nos anos 1960 (o tucano cursou antes engenharia, mas desistiu), são filhos de um momento único em que os cursos de economia eram protagonistas do debate público e centros de referência do pensamento nacional.

Dilma ou Serra, um deles chegará ao poder no momento em que esses

cursos enfrentam uma crise. Os alunos estão debandando para outras áreas, como administração, relações internacionais e engenharia da produção. Os professores não estão conseguindo conter a sangria. Os próprios candidatos a presidente, embora do ramo, atravessaram dois turnos da campanha praticamente sem falar em economia – principalmente em questões-chave, como câmbio, taxa de juros e contas públicas.

Coordenador de graduação da Faculdade Ibmec, Antonio Fiorencio, que optou pela profissão nos anos 1970 motivado pelas questões sociais, reconhece o declínio dos cursos de economia, que não têm foco “nas coisas práticas”. Para ele, o aluno perdeu a relevância no mercado de trabalho pela incapacidade de fazer cál-

Marco

culos mais sofisticados:

— Os cursos ficaram teóricos demais e não dão ferramentas para o aluno trabalhar. Perderam o contato com o mercado de trabalho. Ficou mais fácil contratar qualquer um, engenheiro ou até químico, que saiba fazer conta. Hoje, o curso de administração atrai de oito e dez vezes mais alunos do que economia.



Os cursos ficaram teóricos demais e não dão ferramentas para o aluno trabalhar. Perderam o contato com o mercado de trabalho. Ficou mais fácil contratar qualquer um, engenheiro ou até químico, que saiba fazer conta

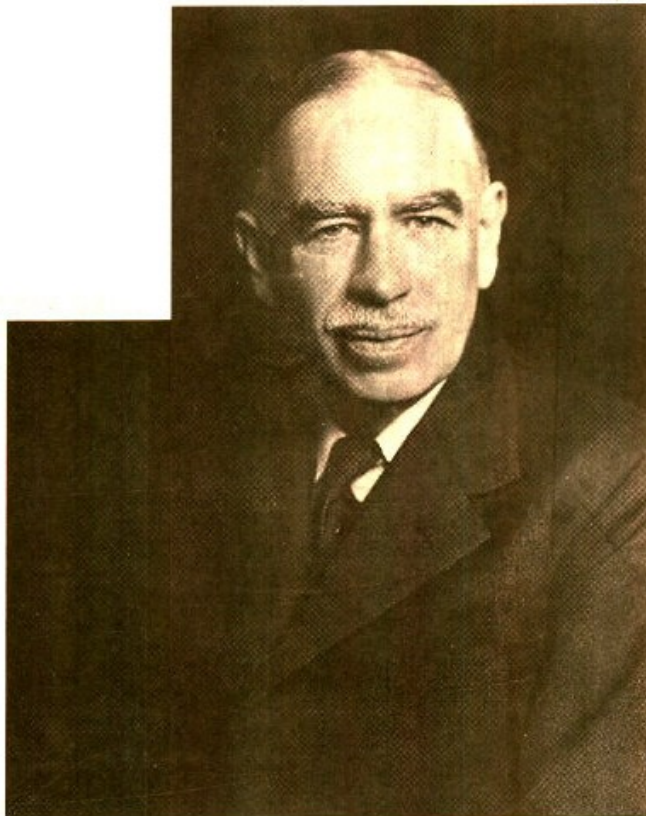
Antonio Fiorencio (Ibmec)

Na contramão da tendência, o programa do Ibmec restringiu a história do pensamento econômico — que tanto encantou Serra e Dilma no passado — para dar mais espaço à teoria econômica moderna e sua aplicabilidade. A faculdade se tornou uma das mais fortes do país em finanças e econometria. Em compensação, a obra de Celso Furtado, guru de gerações de economistas, aparece apenas na História Econômica do Brasil, disciplina de um semestre.

— Celso Furtado é um nome

importante, mas tem muita gente que vai pular ao ouvir isso — disse Fiorencio.

Ex-diretor do curso de economia da UFRJ, Marcelo Paixão pode até pular, mas de orgulho pelo mestre. Para ele, Furtado foi o primeiro economista a entender os grandes gargalos enfrentados pela sociedade brasileira e a forma com que o Brasil está inserido na economia mundial. Mas reconhece que esse mérito não foi capaz de evitar que o tema do desenvolvimento econômico, pregado pelo mestre, en-



trasse em conflito com a corrente que prefere entender a economia mais pelos aspectos financeiros e monetários.

Duas das mais respeitadas escolas de economia do Brasil expressam bem as diferentes abordagens. De um lado, está a Unicamp, por onde passaram Serra e Dilma, na qual a visão sobre a importância do Estado no equilíbrio macroeconômico é hegemônica. Do outro, destaca-se a PUC-Rio, centro da crítica ao chamado "keynesianismo" (teoria desenvolvida pelo inglês John

Keynes, em oposição ao neoliberalismo, que defende o Estado como agente indispensável ao controle econômico).

Embora afirme que as diferenças se resumem ao peso que cada universidade dá às correntes do pensamento, Cláudio Frischtak, presidente da carioca Inter.B Consultoria, ex-aluno de Serra no mestrado da Unicamp, conta que, nessa escola, havia uma tentativa de se fazer uma ponte com as tradições marxista e desenvolvimentista, enquanto a PUC-Rio se convencia de que "o Estado não podia tudo".

Mas os jovens já não parecem tão interessados em participar do debate. Em cinco anos de gestão na UFRJ, Marcelo Paixão pouco pôde fazer para deter a queda gradual, no vestibular, da proporção candidato-vaga. Em 2008/9, foram sete candidatos por vaga, enquanto na medicina foram 18, na comunicação, 16, e em relações internacionais, 14.

Preocupação social continua

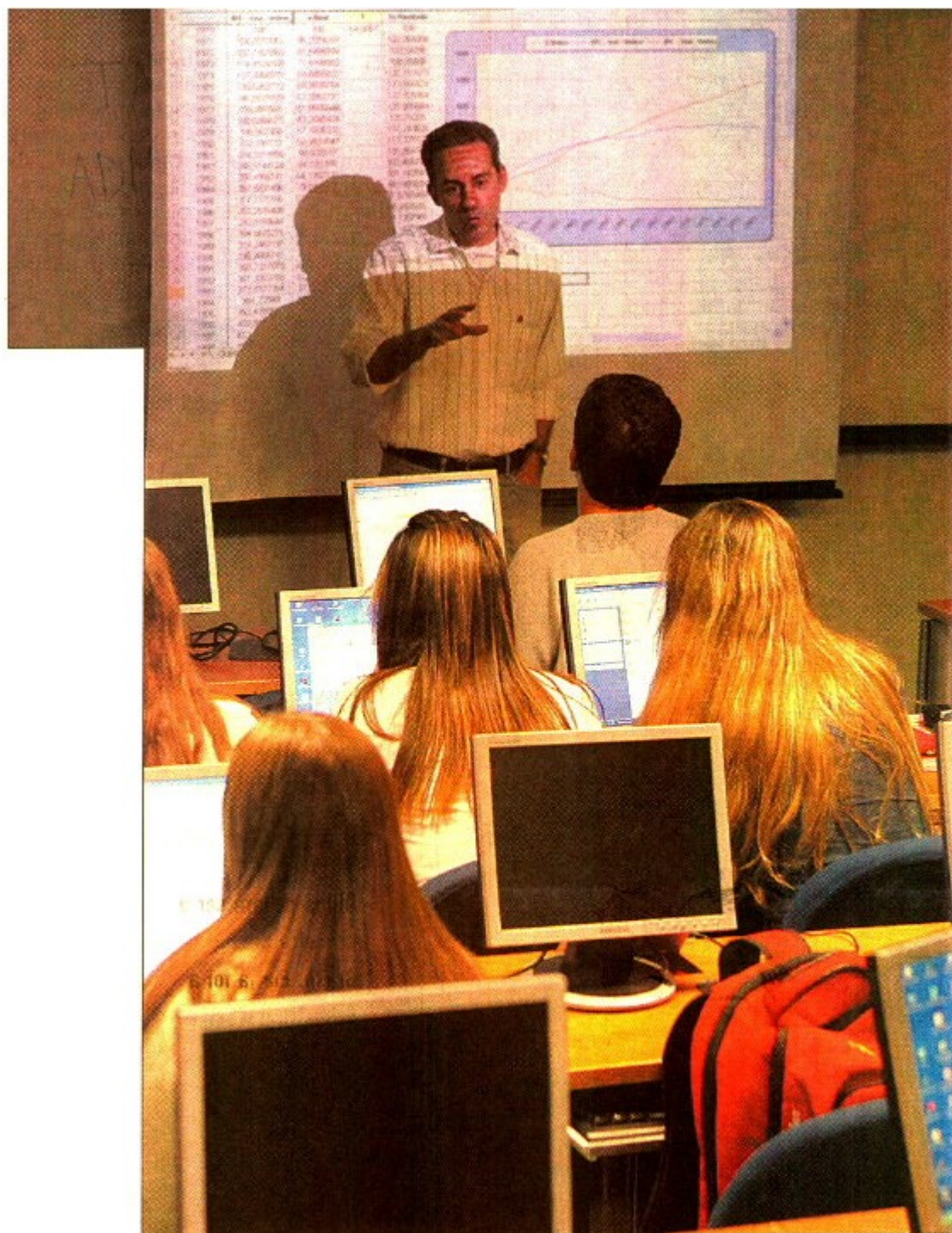
- A comparação entre as motivações de hoje e do passado ajudam a explicar a queda. Cláudio Frischtak disse que seu interesse pela economia era uma busca intelectual:

— Queria fazer uma crítica ao regime. Os filhos da classe média podiam se dar ao luxo de não se preocupar tanto com o emprego.

Para ele, hoje, a situação ficou mais complexa. A hiperespecialização deixou de ser o "xodó do mercado", superado pelo interesse em pessoas adaptáveis, que Cláudio chama de era do "se vira". As empresas valorizam quem tem bom português e cultura geral, mas seja também bom em matemática financeira.

Antonio Fiorencio disse que o curso do Ibmec prepara para a área de negócios, mas a juventude ali continua tendo preocupações sociais:

— Alguns querem dar curso de economia financeira para ensinar o morador de uma área carente a calcular os juros embutidos na prestação do ventilador de teto. ■



ALUNOS DE economia financeira do Ibmec (acima), instituição que prioriza ensinamentos práticos, em detrimento de um curso mais teórico, que no passado seduziu Serra e Dilma e que tinha, entre seus expoentes, Celso Furtado (à esquerda) e Keynes (abaixo)